

Carrel é velho. Muito velho. Mais velho do que a Sé de Braga. Porque muito antes de se falar em tal Sé, já Sócrates dizia que nós eramos uns desconhecidos. E antes de Carrel nos colocar como a medida de todas as coisas, já Protágoras nos havia colocado... Carrel é muito velho! Antigo e repetidor. E' um sábio que desperta numa noite escura no meio dos seus instrumentos científicos e os desconhece. Estranha-os. Desespera e começa a gritar. Vem para a rua, procurando comunicar o seu espanto aos outros. Carrel é um catastrófico. Mas o seu alarme chegou atrasado. Ele grita no fundo do abismo. A caravana já rolou a montanha. Sua voz confundiu-se com as muitas outras que já gritaram antes dele. O silêncio que o cerca é um silêncio de mortos e de velhos. E' o silêncio que sufoca depois da tragédia. Carrel não abre o espetáculo: pelo contrario, encerra-o. O mundo ha muito vive o seu drama... E já está no fim. Carrel é o necrólogo. Escreve em cima do cadaver do mundo. E' um sábio desse mundo que morre. Mas êle quer viver. Por isso êle luta e grita. Desespera e chora. Carrel não quer morrer com o seu mundo...

Antes dêle. Bem antes dêle, muita gente já mostrou e se inquietou com a tremenda avalanche da máquina e da técnica na vida moderna. E não foram profetas. Viveiram sómente a sua época e viram as pequenas e as grandes desgraças que a industrialização provocava. Industrialização que matava o homem e esgotava a terra. Escrevia a creança e prostituía a mulher. Destruía a espécie e causava

A margem de Carrel...

(1) *26-5/5/36*
EVARISTO DE MORAES FILHO

hesitação
sua degenerescencia. Pela fome, pelo alcoolismo, pelas péssimas condições de vida e de alimentação. Desarticulava até os próprios tipos antropológicos. Mas assim mesmo hoave quem acreditasse num progresso retilíneo. Ao lado desta fé no progresso, surgiam as criticas á cultura que o condicionava. Levantava-se Rousseau, em 1749. Perguntou o que as artes e as ciências tinham feito pelo melhoramento dos costumes e respondeu que os haviam corrompido. Desde então os homens nunca mais deixaram de criticar o progresso, de acusá-lo de seus males. Vemos Goethe — o divino, se já não o fosse Platão — dizer, aprensivo e apocalítico: "A humanidade chegará a ser mais culta e inteligente, porem melhor, mais feliz e enérgica, não. Vejo vir o tempo em que Deus já não sentirá mais complacência por ela e terá que derroca-la toda e proceder a uma criação rejuvenescida". E todos os seus contemporaneos mais ou menos independentes pensaram a mesma coisa. Niebuhr, em 1830, escrevia apavorado: "Se Deus não o remedeia com um milagre, nos encontraremos ante uma eminente destruição como a que padeceu o mundo romano no seculo III da nossa era: destruição do bem estar, da liberdade, da cultura e da ciência." E no meio do progresso

técnico, por entre as máquinas e as fabricas, nas minas e nos mares, ouviam-se as vózes dos homens num crescendo de dôr. De angustia e de medo. A civilização avançava com as lágrimas e o sangue dos infelizes, dos pobres, dos sujos. Era Kant, que temia pela sorte da humanidade no meio de tanta grandeza e engrenagens. Toda a sua vida foi um entusiasmo e um receio pelo progresso. Foi uma excitação, Titubeio de pietista. Tudo depende, dizia ele, de como os homens usarão essa técnica. Fichte escreveu um livro especial para a critica do seu tempo. O presente era a época da perfeita culpabilidade cristã. Taleyrand chegava mesmo a exclamar que só conheceu a verdadeira doçura da vida quem a viveu antes de 1789! E de Kiekergaard a Marx, de Stendhal a Nietzsche, de Hegel a Burckhardt, de Tocqueville a Cavour, todos viram o avanço inevitavel de máquina e se apavoraram. Todos assistiram concientes á formação da tragédia que êles mesmo chegaram a viver, e que nós tambem viveriamos. Vemos assim — e os exemplos são infinitos que as criticas de Carrel já são avós. Já têm mais de cem anos. Nasceram póstumas.

Neste século mesmo, toda uma legião de apocalíticos precedeu Carrel. Todos êles fizeram critica idéntica á sociedade e ao homem. Desde Rathenau a Spengler, desde Bergson a A. Cide, desde J. Muller a Keyserling. Desde A. France a Lenine, desde R. Rolland a Maritain, desde K. Jaspers a Berdiaeff. E todos êles com muito mais filosofia e compreensão histórica do que Carrel. Porque o que mais desalenta a quem o lê é a sua falta absoluta de cultura geral, e de senso filosófico. De humanismo, em uma palavra. Carrel é um especializado, um dogmático, um homem de laboratório. Pôde ser um grande químico, um fisiólogo genial. Mas nem por isso deixará de ser um péssimo pensador, um simples empirista. Spengler, embora reacionário como Carrel, é bem mais erudito e humanista do que ele. Este ultimo, pelo menos, escreveu uma obra — *Ambiente espiritual do nosso tempo* — que é um prazer para o leitor. Calma e profunda. Humanista, compreensiva e suave. Vê o homem todo. O fisico e o espiritual. O individuo e a sociedade. Não fica na composição das células nem na análise do sangue. Circula na historia e nas culturas, e não nas veias e nos tecidos. Em frente dêsses dois pensadores, Carrel é um fisiologista desageitado. E' um medico que passa por nós cheirando a formol. Que esquece peças anatômicas em seus bolsos e



que, ao pagar o bonde, entrega um dedo dissecado ao cobrador...

A princípio Carrel parece cético. Ele começa duvidando. Não ha certeza... talvez... quem sabe?... Isto se dá em sociologia, em filosofia, em ciência geral. O homem está fóra de seu laboratorio. E' como um miope que esqueceu os óculos em cima da mesa. Não em ousadia de afirmar. Nem de negar. Duvida. Mas de súbito ele entra em seu gabinete. Arma-se do escalpelo, senta-se ao microscopio. Cerca-se de suas drogas. Liga suas máquinas. E o Carrel que duvidava ainda ha pouco, começa a afirmar. Já não é cético. Sente-se forte, valente, invencível. O que ele diz é a ultima palavra. E sem apelação. Está em sua casa. Em sua especialidade. E como todo especialista, é dogmatico e otimista. Só sua especialização salvará o mundo. Mas ele tem que voltar á rua. Ao sair novamente de seu laboratorio, êle passa a ser cético e pessimista. Pudera. Aqui tudo lhe é desconhecido e hostil. Ele se sente um estrangeiro. Um intruso. E' um homem que invade a biblioteca de Bertrand Russel levando as vicerias do ultimo cadaver presas no cotele. Nem de Claude Bernard ele se aproxima. Carrel é um medico que filosofa entre seus enfermos. E ele próprio um enfermigo, um romantico. Em todas as suas páginas encontra-se o mesmo naturalismo lirico de Rousseau. A volta á natureza, ás selvas, á liberdade primitiva, ao ar puro. Como o outro, êle também quer atravessar rios a nado, trepar em arvores, correr pelos campos. Ele sonha com a poesia campestre de Jean Jacques e com as pastorais de Virgilio.

Ele só é pessimista quando trata dos resultados das searas alheias. Em sociologia, ele acha que nada se fez. Até hoje se desconhecem as relações sociais. A culpa não é nossa. Talvez ele desconheça a escola das relações sociais de von Wiese e J. Plenge. Em livro especial, von

Wiese estudou minuciosamente — até onde pôde levar a paciencia alemã — mais de seiscentas relações sociais. E Carrel ainda chama a sociologia de pseudo-ciencia e suas relações desconhecidas! As obras de von Wiese, de Plenge, de Latten, de Stock, de Dupréel, é que lhe são desconhecidas. Isto sim!

Carrel é um medico. Um especialista, um filósofo, mas nunca um sábio, um filósofo, um pensador. Ele só duvida — e não é mais do que a sua obrigação — do que desconhece. Ele nega tudo que os outros fizeram e que êle procura não entender. Não é cético nem pessimista em sua especialidade. Carrel é irmão gêmeo de Spengler e de Kayserling. Em nada êle se parece com Bertrand Russel, o maior sábio do mundo atual. O campeão do ceticismo e da dúvida serena. De uma dúvida mais profunda e científica do que a metódica de Descartes. Carrel não é da familia de Einstein. Do relativista e do fisico, — matematico que só admite verdades provisórias e que não ousa afirmar — segundo a ficção de Papini — mais do que isso: algo se move. E' simbólico e perfeito. Ao lado destes dois grandes céticos racionalistas e relativistas da ciência contemporanea, Carrel aparece como aquele personagem da **Volta de D. Quixote**, de Chesterton, que, por ser daltônico, achava que toda a gente o era...

Carrel é um sábio — digamos assim — que desesperou e traz seu desespero até o público. Ele não tem esse direito. Suas dúvidas não interessam ao público, á massa, ao grande número. Um sábio tem dúvidas sábias. Só ele as pôde resolver. O público compreende Carrel e o repele. Porque Carrel é um evadido e um intruso, um dogmatico e um otimista. Um especialista e um retardatário. Em algumas páginas finais Carrel resolve salvar a humanidade. Já não chora. Ri. Mas a sua terapeutica tem a idade de Platão. E' a das elites. O público já está adiante e não o escuta. Ele ficou esquecido e solitário. No meio do silencio ergue-se o canto do seu **Requiem...**

IAEMF34-45/31